**PROFETA ELIAS**

Gostaria de falar sobre a fuga de Elias, após os acontecimentos do Monte Carmelo, até a teofania que se lhe apresenta no monte Horebe (1 Reis 19.1-21). O texto sob análise é uma “intriga episódica” presente no ciclo de Elias que, por sua vez, faz parte da chamada obra historiográfica deuteronomista. Sua análise não pode ser dissociada das características redacionais dos autores deuteronomistas e nem dos objetivos envolvidos em seus escritos, a saber: explicar aos exilados na Babilônia como a insistência na infidelidade a Javé por parte da liderança do povo – não obstante as advertências dos profetas – os conduziram ao exílio. Os profetas, inclusive Elias e Eliseu, em última análise, representam o pensamento do narrador. O javismo do profeta Elias é o javismo dos deuteronomistas.

1 Reis 19. 1-21 é uma perícope em que podemos observar uma intensa luta interior do próprio profeta, diante dos infortúnios da vida. Luta interior no sentido da oposição da *morte x vida*, oposição que perpassa todo o texto. Este começa com as ameaças de morte proferidas contra ele pela rainha Jesabel: “Que os deuses me façam este mal e acrescentem este outro, se amanhã, a esta hora, eu não tiver feito da tua vida o que fizeste da vida deles!” (1 Rs 19.2). Logo a seguir, uma expressão controversa para a tradução: wayyita ou wayyare – “ele viu” ou “ele teve medo”. Fiquemos com a segunda, pois faz mais sentido no contexto de toda a perícope. Elias teme a ameaça e foge para salvar a vida. Ele parte para uma caminhada pelo deserto. Lembremo-nos de que o deserto é um lugar de morte e não de vida. Sentou-se exausto sob um junípero e ali desejou a textualmente a morte: “Agora basta, Javé! Retira-me a vida, pois não sou melhor que os meus pais” (1Rs 19.4). E o texto afirma que ele se deitou e dormiu. Deitar e dormir, mais duas expressões muito próximas da morte, no contexto geral da perícope. Mas eis que Javé, o autor da vida, entra em cena, por iniciativa própria. Começa agora uma luta interior intensa envolvendo a alma do profeta: o mensageiro do Senhor o acorda por suas vezes e o alimenta (1Rs 19. 5b-7).

E Elias começa a se abrir para a vida: ele comeu e bebeu (1Rs 9.6 e 19.8). E agora, sustentado pelo anjo do Senhor, percorre 40 dias em direção à montanha de Deus, o Horebe (1Rs 19.8). 40 dias que simbolizam os 40 anos do êxodo. Mas sua ambiguidade ainda permanece: chegando ao seu destino, ele entra em uma gruta e lá dentro dorme (1Rs 19.9). Ele não tinha se desvencilhado totalmente da síndrome da morte. Até que o próprio Javé entra em cena por duas vezes: “Que fazes aqui, Elias?” (Rs 19.9 e 19.13). Da primeira vez, o profeta apresenta suas justificativas, colocando em relevo seu zelo pelo Senhor, a infidelidade dos israelitas e a ameaça que ele – o único fiel que restara – havia recebido (19,9-10). Que disse Javé diante da resposta do profeta acuado e vulnerável? Ele não abandona Elias, o instrui a sair da gruta e se lhe manifesta com todo o seu poder através de várias manifestações da natureza como simbolismos recorrentes nas teofanias bíblicas. Até que o sentimento de vida vence definitivamente o sentimento de morte. O clímax da narrativa (19,13-15) começa indicando as ações efetuadas por Elias em resposta à manifestação de Javé: ele cobre o rosto e fica à entrada da gruta (19,13).

Furacão, terremoto, relâmpagos que manifestavam em Êxodo 19 a presença de Javé aqui são apenas os sinais precursores de sua passagem; o murmúrio de uma brisa tranquila simboliza a intimidade de sua conversa com os seus profetas, mas não a doçura de sua ação: as ordens terríveis dadas a Elias nos versos 15-17. A narrativa tem o seu desfecho justamente aqui (1Rs19,16-21), em um primeiro momento dando continuidade às ordens de Javé. Ao cumprir essas ordens, Elias retorna ao olho do furacão. Revitalizado pelo Deus da vida, ele volta a atuar para cumprir a suas missões que, serão, na verdade, cumpridas por Eliseu. Elias deveria ungir não apenas Hazael, mas também Jeú como rei de Israel e Eliseu como sucessor do profeta (19,16). A sucessão profética suscita algumas perguntas: Teria Elias sido desqualificado para a missão? Se sim, o que o desqualificara? Temer pela própria vida e reputação? Considerar-se o último dos profetas? Fugir contra a vontade de Javé? Javé indica ter um plano para continuidade de seu projeto, um plano que não dependia exclusivamente de Elias. Eliseu seria seu sucessor e Javé ainda poderia contar com sete mil israelitas fiéis (1Rs 19,17- 18). Logo em seguida, o narrador apresenta o encontro entre Elias e Eliseu (1 Rs19,19-21). Ao ser chamado para seguir Elias, Eliseu não hesita em obedecer, mas antes se despede de seus pais, queima seus instrumentos de trabalho e come com seu povo.

Tendo em vista o percurso da narrativa entre a situação inicial e a final, pode-se destacar a ação transformadora. A narrativa começa com uma fuga e termina com o retorno. O profeta Elias foge diante da palavra de morte de Jezabel e volta mediante a palavra de vida de Javé. A narrativa vai do medo à coragem renovada. Toda a história de Elias passou por uma editoração deuteronomística. Assim, querendo salvaguardar a aliança e restabelecer a pureza da fé, Elias foi ao lugar onde o verdadeiro e único Deus se revelou (Ex 3 e33, 18-34,9) e onde a aliança fora concluída (Ex 19; 24; 34, 10-28). Elias une a sua obra à de Moisés. É importante lembrar que, relacionados à teofania do Horeb, Moisés e Elias estarão também na transfiguração de Cristo (Mt 17, 1-9).

As escolhas quanto aos elementos constitutivos da narrativa, as estratégias que oferecem ao leitor pistas e norteamento na produção de sentido, estão a serviço da mensagem e do efeito a ser suscitado no leitor. Que características poderiam nos identificar com a historiografia deuteronomista? Primeiramente, é preciso ter em mente que se trata de um exilado da Babilônia, experimentando crise de fé, mas que busca uma saída. Talvez, em meio ao contexto de fragmentação, estivesse lutando para manter viva a confiança no poder de Javé. Como afirma Garcia Coleta, “provavelmente ele seria capaz de reconhecer a concepção de fé do grupo deuteronomista e encarar os fatos descritos no passado como chave de interpretação para a situação presente e também para o futuro”.

Mas o que esta perícope fala para nós e para nossos dias? A crise de fé também pode nos atravessar o caminho, assim como a tentação de fugir da obediência com vistas à autopreservação. Como afirma Garcia Coleta, “a ambiguidade do profeta Elias ressalta a fragilidade à qual mesmo os considerados mais fiéis estão sujeitos. Mas a boa nova é que a história não acaba no medo, na fuga, na vontade de morrer, na frustração, nos pensamentos equivocados. A intervenção de Deus é transformadora, oferece esperança e oportunidade de retorno, mostra quem de fato detém o poder e o controle.” A fuga e o recolhimento limitam a visão dos planos de Deus. A fuga para salvar a própria vida acaba em desolamento maior. A jornada de Elias só assumiu outro significado – para além da insistência na morte – pela iniciativa de Javé que lhe comunica vida e retorno à missão. “O texto fala quando oferece ao leitor imagens possíveis dele mesmo” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 176). Portanto, o leitor pode encontrar no mundo da narrativa possibilidades de ação em seu próprio mundo; a ambiguidade de Elias na narrativa pode nos levar a nos reconhecer. A reflexão sobre a complexidade das motivações que o puseram em fuga, seu caráter multifacetado e contraditório, ressalta o fato de que Deus escolheu se envolver com o ser humano assim mesmo, propondo-lhe sentido, superação e esperança. A resposta para o temor, seja pela própria vida, seja em função da preservação da imagem, encontra-se na fé em Deus, que é capaz de ampliar a visão, trazer objetividade aos pensamentos distorcidos, e propósitos claros para aquele que acha ter chegado ao fim.